



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Daniel Costa Farias

**Tecnologia, ciência e subjetividade: uma relação de
entrelaçamentos**

CAMPINA GRANDE – PB
2012



Tecnologia, ciência e subjetividade: uma relação de entrelaçamentos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientador: Francinaldo do Monte Pinto

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

F224t Farias, Daniel Costa.
Tecnologia, ciência e subjetividade [manuscrito] : uma
relação de entrelaçamentos / Daniel Costa Farias. – 2012.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Francinaldo do Monte Pinto,
Departamento de Psicologia”.

1. Psicologia social. 2. Interdisciplinaridade. 3.
Ciência e tecnologia. I. Título.

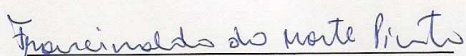
21. ed. CDD 158

Daniel Costa Farias

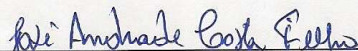
**Tecnologia, ciência e subjetividade: uma relação de
entrelaçamentos**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de
Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Aprovada em 20/06/2012.



Prof. Dr.- Francinaldo do Monte Pinto UEPB
Orientador



Prof. MS. José Andrade Costa Filho/ UEPB
Examinador



Profª MSª Laércia Maria Bertulina de Medeiros / UEPB
Examinadora

“subjetividade” (...) designação escolhida como que para salvar nossa parte de espiritualidade. Por que subjetividade, se não para descer ao fundo do sujeito sem perder o privilégio que este encarna, essa presença privada que o corpo, meu corpo sensível, me faz viver como minha? Mas se a pretendida “subjetividade” é o outro no lugar de mim, ela não é subjetiva nem objetiva, o outro é sem interioridade, o anônimo é seu nome, o fora seu pensamento (...).

(Maurice Blanchot, L'écriture du désastre, Paris, Gallimard, 1980, p.48-9)

Tecnologia, ciência e subjetividade: uma relação de entrelaçamentos

FARIAS, Daniel Costa¹.

Resumo:

Este ensaio tem como objetivo tentar mostrar, de maneira resumida e breve, o possível plano de imanência que se dá entre tecnologia, ciência e subjetividade. Ambicionamos trabalhar esses três conceitos de forma que eles não sejam apartados ou tratados como casos isolados e independentes, ou seja, queremos indicar as multiplicidades que acontecem entre eles, seus entrelaçamentos, do mesmo modo que seus funcionamentos e peculiaridades em nossa atualidade.

Palavras-chave: Tecnologia. Ciência. Subjetividade.

INTRODUÇÃO:

Este artigo tem como objetivo mostrar, de maneira sucinta, o presumível plano de imanência que se dá entre tecnologia, ciência e subjetividade. Pretendemos trabalhar esses três conceitos de forma que eles não sejam separados ou tratados como casos isolados e independentes, ou seja, pretendemos indicar as multiplicidades que acontecem entre eles, seus entrançamentos, do mesmo modo que suas funcionalidades e especificidades em nossa contemporaneidade.

Entendemos a dificuldade de escrever este artigo, até porque não é de nosso feitio criticar, elogiar ou apontar soluções prontas para o momento em que vivemos, momento esse de constantes novidades em vários ramos da vida. Nietzsche (1998) já falava da comicidade que seria um conhecimento falar dele próprio ao nível da crítica, em dizer-se certo ou errado referente a ele próprio. É interessante perceber o movimento em que os eventos e

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: daniel.farias.c@hotmail.com

acontecimentos que nos cercam ocorrem, e por isso, discutiremos um pouco neste texto. E ainda permanecendo com Nietzsche, para nós o homem é sempre novo, eternamente futuro.

Começamos então a falar da tecnologia, pois é difícil situá-la em um espaço de classificação satisfatório, uma vez que, ela ocupa-se de invenções e criações das mais variadas configurações. Sempre funciona no campo da inventividade e tem sempre uma meta, com o objetivo de alterar aquilo em que se foi proposto mudar. Em nossos dias, ela ganha cada vez mais lugar, podendo ser encontrada muito facilmente nas casas, nas ruas, no governo, nas escolas, nos hospitais, em nossas mãos. Do celular pequeno e extremamente inovador, aos satélites e equipamentos espaciais de alcance incalculáveis, de fato, e até mesmo literalmente, a tecnologia nos cerca.

A ciência que está ultimamente mais próxima da tecnologia, podendo essa relação, receber o nome de “tecnociência”, encontra-se em uma analogia de dependência e atrelamento, trabalhando em meio a informações organizadas e codificadas. É muito notável sua importância nas capacidades produtivas das Nações e Estados, sendo de grande importância na busca de mais poder, na relação em que se dá entre ambos. Quanto mais saberes específicos e de pesquisas científicas, certamente mais poderosa será uma nação. As empresas multinacionais também têm sua importância nesta dominação da circulação do capital, do científico e do tecnológico.

O desenvolvimento científico depende de vários fatores, como por exemplo: a informatização geral, que leva a saberes cada vez mais sofisticados em termos específicos e peculiares. Temos também o aparecimento dos experts, aqueles que têm o domínio particular sobre determinado saber, bem como, determinada técnica. Tais estratégias possuem caráter específico, sendo evidenciadas para um conhecimento cada vez mais rápido e eficiente, impulsionadas principalmente pelo capitalismo.

O investimento financeiro em pesquisas e trabalhos científicos se tornou rotina, quiçá, uma obrigação. A universidade, grande berço da construção de saberes distintos, agora passa a ser alvo de investimentos em grupo de pesquisas, da ciência natural à ciência social, para formar profissionais aptos para atividades sempre específicas e particulares, voltadas para uma dinâmica

peculiar. Esse desempenho técnico recebe de maneira contínua seu caráter político e econômico.

A pergunta fundamental dessa lógica mercantilista, tanto dos pesquisadores como dos Estados-Nações e grandes empresas é: qual a utilidade disto? E talvez, porque não perguntar: isto é vendável, é eficiente? Parece-nos, então, não restar outra alternativa a não ser a de considerar esse processo de produção de saber e conhecimento tecnocientífico como algo potencialmente lucrativo.

Com esse princípio de obter lucro, temos a otimização das performances. O lance mais eficaz e astuto é o que importa. É de grande necessidade que se mude os critérios científicos para esta função. Sua maleabilidade e permeabilidade admitem que a inovação seja bem vinda, que seja necessária, pois sua produtividade e invenção pode criar um lance técnico extremamente competente, logo, proveitoso aos aparelhos e dispositivos tecnocientíficos. A constante novidade e inventividade destes dispositivos é o que permite tudo isto funcionar.

A permanente novidade e os dispositivos de produções variadas, nos permite também pensar no delineamento em que a cultura, as religiões, a sociedade e até mesmo, a subjetividade, se constitui na contemporaneidade. Ser e estar no mundo depende de inúmeras possibilidades, das quais entram em uma relação sempre positiva e produtiva, que produz subjetividade continuamente.

A subjetividade é um conceito bastante extenso e complexo, constantemente trabalhado por várias correntes teóricas e práticas. Existe assim uma multiplicidade perceptível, visto que, são variados os dizeres a respeito do assunto.

Optamos por adotar os conceitos e formulações produzidos por pensadores do porte de Gilles Deleuze, Felix Guattari, Jean - François Lyotard, por postularem que a subjetividade não era antecipável, dado a priori. Ao contrário, acreditavam na pluralidade, organizada e desorganizada pelas mais diversas instâncias, sejam elas coletivas, individuais, familiares, etc.

Esta relação entre instâncias ocorre de maneira contínua. A família, a mídia, a cultura, a religião, entre outras, são componentes importantes na

formação e construção das subjetividades, e não há fatores prioritários, mas sim heterogêneos e variantes.

Seguimos e fazemos linhas, somos segmentarizados, tal como diz Deleuze e Guattari. Essas linhas passam uma nas outras, em um processo imanente, sempre múltiplo. Para tentar explicar essas linhas que se entrelaçam no processo do que é a vida, operamos com o conceito de Rizoma, proposto por esses dois autores, na medida em que aborda o emaranhado que são essas linhas de acontecimentos.

Não podemos esquecer do papel da tecnociência na formação das subjetividades, na manutenção de dispositivos que regulam nossa sociedade. A flexibilidade em que acontece esse processo ajuda na criação de novas formas de ser e estar no mundo, Faz-se obrigatório esse modo de funcionamento na produção das subjetividades contemporâneas. Instancias a exemplo da mídia, fazem esses processos funcionarem muito eficientemente, visto que, o corpo perfeito, a roupa mais cara, o aparelho tecnológico hiper-moderno, o amor e os relacionamentos desejados, entre tantas outras, são formas lucrativas para o mercado, e são configurações existenciais que mudam ao seu bel prazer.

TECNOLOGIA E CIÊNCIA:

O termo tecnologia é derivado da palavra grega “*techne*” que significa arte ou habilidade. Sua atividade consiste na alteração do mundo e não no seu entendimento ou compreensão. A ciência busca a “verdade”, a tecnologia busca e tem como objetivo a alteração e a eficiência. A ciência, usando métodos e processos científicos, assim como experiências e observações, formula leis e princípios. Já a tecnologia, utilizando-se dos resultados da ciência, desenvolve aparelhos e dispositivos que modificam o mundo. Sendo assim, tanto a ciência como a tecnologia são produtoras de saberes.

A tecnologia em si é uma atividade complexa, bastante difícil de situar em simples explicações, pois cuida de invenções, construções de máquinas e aparelhos das mais diversas utilidades. Cria, muda, transforma, codifica, descodifica, procura aumentar a eficiência do trabalho e das atividades humanas, tendo em vista a facilitação do viver. Toda tecnologia terá sempre

um objetivo, ela é intencional, tem uma meta, tem a objeção de inovar e alterar aquilo que se objetivou. Existe sempre um saber teórico e prático em qualquer atividade que se faça o uso da tecnologia, um saber sistemático e com certo nível de especialização.

As tecnologias fazem parte do nosso dia-a-dia em vários momentos, o que não significa que elas estejam sempre na direção certa, pois, embora use quase sempre os conhecimentos da ciência, ela tanto pode cometer equívocos como pode trazer muitos benefícios. A posse dos conhecimentos constitutivos dos artefatos, o manuseio dos instrumentos, assim como a assimilação de suas instruções, não significa especialmente que o usuário detenha algum saber que facilite a utilização de instrumentos tecnológicos, pois, muitas vezes, o entendimento em relação a toda essa aparelhagem, da máquina de uma fábrica á um celular portátil, se dá de forma específica, rápida e superficial.

Conforme o tempo passa, essas tecnologias, sejam simples ou mais complexas e avançadas, parecem quebrar cada vez mais qualquer tipo de obstáculo, fronteiras e limites. Ciência e tecnologia parecem depender cada vez mais uma da outra. A sociedade atual vive em uma era aonde a informação acontece de maneira fundamentalmente cibernética, pois as máquinas da informática assumem um papel extremamente importante nas produções de diversos discursos e dispositivos, dos quais, se entrelaçam em nosso cotidiano de modo surpreendente.

São inúmeros os esforços dos saberes atuais para dar conta do mecanismo (funcionamento) da vida, saberes estes cada vez mais exteriorizados em relação ao sujeito. As tecnologias, aliadas da ciência, além de estarem sempre em um processo de inovação, trabalham por meio de informações organizadas, estocadas e codificadas. Essas informações, atualmente em grande escala, serão à base de toda produção.

No cenário recente, aponta Lyotard (1988), o que parece estar em voga é o desempenho, a eficiência, no qual todo “erro” pode ser mostrado, corrigido, localizado, gerando o aumento da eficácia e da competência de toda produção. O universal e o completo dão lugar ao singular, ao momento, a particularidade, ao específico.

Lyotard (1988) assinala que o aumento de máquinas tecnológicas e informacionais afetam nosso conhecimento, assim como nossa forma de viver

no mundo. O saber entra na lógica da produção, não sendo exagero dizer que ele pode ser consumido e vendido como qualquer outra mercadoria. Os investimentos maciços em ciência e tecnologia acabam por determinar boa parte de todo o produto interno bruto (PIB) de um país desenvolvido. Quanto maior for o número de saberes específicos, de pesquisas científicas, de produção tecnológica, com certeza maior será a riqueza de um país.

Remontando esses acontecimentos no final da década de 1970, Lyotard (1988) já alertava sobre uma possível mudança no estatuto do saber, ou seja, no lugar de serem distribuídos por causa de seu valor de formação do ser ou importância política e social, o saber passa a circular como o dinheiro. O conhecimento agora faz parte da manutenção da vida, bem como, a otimização de qualquer performance de produção.

A ciência atual manterá sua importância no quadro das capacidades produtivas das nações e dos Estados. Sob a forma de produto informacional, ela é agora indispensável na competição mundial pelo poder. Países ricos e desenvolvidos passam a dominar as informações de diversos tipos, planejando aos poucos, novas estratégias políticas que dão conta das novas exigências de mercado.

Mas esse não é só um problema dos “Estados-Nações”, pois as famosas empresas multinacionais começam a dominar também a circulação do capital, logo então dominam o científico e o tecnológico. Lyotard (1988) cita como exemplo, o lançamento de satélites de comunicação e de banco de dados na órbita da terra pela empresa IBM. Quem terá acesso a estas informações? Quem vai definir o que pode ser mostrado ou não? Daí surge mais uma questão fundamental: quem detém mais saber?

No cenário atual, nas sociedades mais desenvolvidas científica e tecnologicamente, a informatização geral permite novas formações de saberes, cada vez mais específicos e peculiares. Surgem os chamados “experts”, aqueles que têm o domínio particular sobre um saber. Com esses acontecimentos, as tecnologias contemporâneas não vêem outra escolha a não ser esta: a informatização generalizada.

A extensão da informática a todos os espaços públicos, os diversos interesses estratégicos relacionados às pesquisas científicas, a utilização dos saberes das ciências sociais e humanas com a intenção de regular e de

controlar a vida, acabam por provocar o consenso geral em torno dessas estratégias impulsionadas pelo capitalismo. A cibernética é primordial no momento atual, pois é peça chave na produção de qualquer conhecimento competente, assim como contribui nas técnicas adequadas aos dispositivos imprescindíveis.

Nessas condições, a universidade, por exemplo, forma incessantemente profissionais voltados para a pesquisa e para trabalhos específicos. Vários investimentos em pesquisas e infra-estrutura são realizados, com o objetivo de formar profissionais capacitados para desempenhar de atividades cada vez mais particulares e voltadas necessariamente a um certo tipo de dinâmica peculiar.

Ao refletir sobre esses temas referentes ao desempenho técnico, sua funcionalidade no ensino e seu caráter cada vez mais político e econômico, Lyotard esclarece que:

De qualquer modo, o princípio de desempenho, mesmo se não permite decidir claramente em todos os casos sobre a política a seguir, tem por consequência global a subordinação das instituições do ensino superior aos poderes constituídos. A partir do momento em que o saber não tem mais seu fim em si mesmo como realização da idéia ou como emancipação dos homens, sua transmissão escapa à responsabilidade exclusiva dos mestres e dos estudantes. A idéia de "franquia universitária" é hoje de uma outra época. (LYOTARD, 1988 p.91).

A questão, muitas vezes explícita trazida pelos pesquisadores atuais, assim como, menos explícita, trazida pelos Estados-Nações e pelas grandes empresas é: qual a utilidade disto? E seguindo a lógica mercantilista: isto é vendável, é eficaz? Ao tentar respostas possíveis a estas questões, se tem na mão (ou não) algo de bom desempenho e eficiente; ao contrário, pode ser renovado e melhorado, ou se não atingir nenhuma meta, ser descartável em uma velocidade estupenda.

O atual mercado de trabalho para profissionais e pesquisadores detentores desses saberes específicos e competentes, com certeza é vasto. Os inúmeros cargos e ofertas disponíveis, assim como os altos salários para aquele que demonstrar sua criatividade e produtividade, passam a ser um fator corriqueiro.

Qualquer um pode conseguir seu “lugar ao sol”, basta apenas trazer algum suplemento de informação quando for necessário. Como diria Lyotard (1988), os dados são acessíveis a todos esses suplementadores (experts). Talvez não exista mais nenhum segredo científico, pois tudo está em bancos de dados espalhados nas redes de informática em todo o mundo. Desempenho e eficácia fazem parte da inventividade.

A inventividade como motor principal do capital, da ciência e das tecnologias, renova sempre o discurso científico, bem como, faz seu desenvolvimento. Essa imanência, fundamental para esse acontecimento, é cada vez mais demonstrável e viável na produção de mercadorias, discursos e dispositivos. A inovação é essencial à ciência e às tecnologias (tecnociência).

Entendemos que existe um jogo, regras e lances, no discurso e na produção tecnocientífica. Estabelece então, um acordo entre os participantes, uma espécie de jogo que se desenvolve de maneira capilar, culminando em multiplicidades e flexibilidades que fazem todo o delineamento das funções. Vence o melhor lance, o lance que faz funcionar eficientemente o jogo, podendo mudar até as regras quando necessário, mas desde que esta relação permaneça e aconteça. Novas formas vão se construindo, novas regras, sempre algo novo se faz.

Para isso, é mister a intervenção de determinadas técnicas, nas quais vão satisfazer a um princípio: o da otimização das performances. Haverá aumento de informações e transformações assim como a diminuição de energia desperdiçada. O verdadeiro, o justo, não mais interessa, e sim, o eficiente, o lance técnico mais bem sucedido e perspicaz.

Tamanha eficiência e tanto desempenho, ocasiona um fator curioso, que para Lyotard (1988) chega a ser crucial:

É mais o desejo de enriquecimento que o de saber que impõe de início aos técnicos o imperativo da melhoria das performances e de realização dos produtos. A conjunção "orgânica" da técnica com o lucro precede a sua junção com a ciência. As técnicas não assumem importância no saber contemporâneo senão pela mediação do espírito de desempenho generalizado. Mesmo hoje, a subordinação do progresso do saber ao do investimento tecnológico não é imediata. (LYOTARD, 1988, p. 82)

Nos nossos dias, o capitalismo que vem se configurando, financia os departamentos de pesquisas nas empresas e nas universidades, aonde há, sem nenhuma extrapolação, a ordem de desempenho e eficácia orientando os estudos voltados às aplicações e produções. É muito rentável, mesmo que os resultados demorem a aparecer, que esses investimentos aconteçam, pois as chances de se conseguir algo inovador e inventivo são muito prováveis.

Os Estados-Nações se beneficiam com essas investidas, até porque, para os financiadores e detentores do capital, a única disputa mais confiável acaba sendo pela via do poder. Lyotard (1988) já argumentava que não se compram cientistas, técnicos e toda uma aparelhagem tecnológica para se obter a verdade, mas exclusivamente para aumentar a vantagem nessa relação de poder.

É possível então, pensarmos que aquele que tem o melhor desempenho, qualquer que seja a esfera, muito provavelmente será o detentor da razão. O critério técnico introduzido no saber científico, acaba por influenciar o critério de verdade, dependendo assim, da eficiência quantificável de procedimentos. Dependendo do contexto, das análises, haverá muito possivelmente um controle em relação aquele desprovido de técnicas, saberes e instrumentos tecnocientíficos.

Lyotard talvez tenha conseguido atingir o alvo com esse comentário, não menos instigador para pensar que:

O poder legitima a ciência e o direito por sua eficiência, e esta por aqueles. Ele se auto-legitima como parece fazê-lo um sistema regulado sobre a otimização de suas performances. Ora, é precisamente este controle sobre o contexto que deve fornecer a informatização generalizada. A eficácia de um enunciado, seja ele denotativo ou prescritivo, aumenta na proporção das informações de que se dispõe relativas ao seu referente. Assim, o crescimento do poder e sua autolegitimação passa atualmente pela produção, a memorização, a acessibilidade e a operacionalidade das informações. (LYOTARD, 1988 p. 84).

Ele ainda complementa que, seguindo esse contexto do desempenho e do critério no saber tecnocientífico, e da necessidade financeira de ambos:

A repartição dos fundos de pesquisa pelos Estados, empresas e sociedades mistas obedece a esta lógica do aumento de poder. Os setores da pesquisa que não podem pleitear sua contribuição, mesmo indireta, à otimização das performances do sistema, são

abandonados pelos fluxos de créditos e fadados à obsolescência. O critério de bom desempenho é explicitamente invocado pelas administrações para justificar a recusa e apoiar este ou aquele centro de pesquisas. (Idem p. 85)

Tanto as necessidades quanto as definições e mudanças das mesmas, consiste na melhoria das competências em matéria de relação de poder. Pensemos assim, pois nos parece não haver outra opção a não ser o constante aparecimento de tensões que provocarão melhoras no desempenho. Essas tensões agem na ciência e nas tecnologias, operando na diversidade, apresentando formas de um sistema aberto, modelável, e não de algo duro, fechado, impenetrável.

Ao pensar no sistema como algo emaranhado, múltiplo, variável, temos então a possibilidade de produções, sejam elas de qualquer lugar, sempre locais e distintas. A cultura, as instituições, a sociedade, e porque não dizer, as subjetividades, estão sempre nesse processo de delineamento.

No próximo item, explanaremos as subjetividades, assim como sua produção, operando a partir dos movimentos produzidos pela ciência e pelas tecnologias em nosso cotidiano.

SUBJETIVIDADES:

Após termos falado de modo breve, sobre a ciência e a tecnologia, bastante presente no nosso contexto, alicerçadas pelo papel da competência e da inovação, passaremos à discussão do atrelamento delas à nossa vida, das subjetividades constituídas e dos modos de ser no mundo. Trabalharemos em temas particulares e locais, na tentativa de fazer uma passagem rápida, que se pretende significativa, a respeito do emaranhando que se dá ao tratar desses temas controversos.

Entendemos a dificuldade de postular explicações a respeito do que seja “subjetividade”, até porque é um conceito bastante amplo, já trabalhado e difundido por diversas correntes teóricas. Sendo bastante curioso notar a diversidade existente em cada conceito, produzido em diferentes campos teóricos, nos quais a subjetividade se coloca no nível das multiplicidades.

Ao trazermos para a discussão o conceito de subjetividade, juntamente com Gilles Deleuze, Félix Guattari e Jean-François Lyotard, pensadores da filosofia da diferença, proporcionamos uma enorme riqueza conceitual, e no

mínimo, causamos um debate interessante, e porque não dizer, instigador. Pois apresentam formulações, questionamentos, elaborações e pensamentos que vão além dos princípios científicos tradicionalmente conhecidos por nós. Uma análise mais acurada do legado desses autores, construído no século passado, talvez forneça subsídios a reflexão destes conceitos nos dias atuais, sem que necessitemos nos afastar de suas construções teóricas em relação ao nosso ser e estar no mundo.

Interessante, nesta discussão, é a afirmação do psicanalista Guattari (1992), ao afirmar que as subjetividades são produzidas, organizadas por instâncias das mais diferentes localidades. Instâncias coletivas, individuais, familiares, institucionais, midiáticas e tantas outras que nos fazem das várias maneiras que somos, bem como ao mesmo tempo, as fazemos serem o que são, em um processo bastante heterogêneo e singular.

Não há nenhum fator central, nem hierárquico ou principal, que formalize e construa uma subjetividade, tal como pensava alguns sistemas tradicionais que ainda guiam nossa sociedade. Acreditamos na existência de um mundo pulverizado de muitos acontecimentos e formas de ser, que não podem ser ignorados e nem rebaixados. É preciso dizer que tudo isso faz parte de uma rede que se estabelece exatamente nesse entrelaçado, nesse contexto complexo que é a vida.

Essa complexidade acontece ininterruptamente, uma vez que várias instituições e contextos são formadores das subjetividades. A família, a cultura, a sociedade, a mídia, o meio ambiente, a religião, dentre outras, são sim importantes componentes nesse processo que é a produção de subjetividades. A relação que existe entre todos esses componentes, assim como os contextos variados, tem a nos revelar muitos aspectos interessantes, pois, toda essa conjuntura, que pode ser analisada por momentos específicos, exhibe as subjetividades da atualidade.

Entendemos que os sujeitos, então, passam a ser determinados pelo momento histórico em que vivem, da mesma forma que podem ultrapassar, modelar e vivenciar tais momentos. Tudo isso acontecendo de maneira plural, local e múltipla. Muito das determinações tradicionais, de vários segmentos, e das várias instituições, que constituíram a sociedade, parecem se desvanecer quando se trata de dizer o que é ser alguém nos dias de hoje. Desse ponto de

vista, e como dá a entender Guattari (1992), a subjetividade está em processos plurais e possivelmente não conhece nenhuma instancia predominante.

Deleuze e Guattari já nos esclareciam tais circunstâncias, pois entendiam que a subjetividade, nunca seria algo dado, mensurável, medível, mas sempre em mudança e mutação, dependendo dos contextos e dos pontos de vista. Eles ainda nos diziam mais:

Somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário. A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem. Habitar, circular, trabalhar, brincar: o vivido é segmentarizado espacial e socialmente. A casa é segmentarizada conforme a destinação de seus cômodos; as ruas, conforme a ordem da cidade; a fábrica, conforme a natureza dos trabalhos e das operações. (DELEUZE & GUATTARI, 1996b, p. 76)

Seguindo os fluxos dessas idéias, matizadas por Deleuze e Guattari, percebemos a segmentarização que se dá nos processos que formam a subjetividade. Constituem-se então por diversas oposições duais: homens e mulheres, crianças e adultos, ricos e pobres, etc. Somos segmentarizados por espaços, de maneira circular e ampla, tais como as cidades, os bairros, as ruas, as casas. Somos segmentarizados por linhas que nunca acabam, pois sempre nos levam para outras linhas, outros segmentos: da escola para a universidade, do trabalho exemplar para a grande empresa, do luxo ao lixo, entre outros.

Tais processos de segmentarização se dão de forma imanente, passam um pelo outro, um no outro, transformam-se um no outro. Não há como fazer uma demonstração de tais processos, separando-os, e ao mesmo tempo, excluindo os demais, pois o que temos aqui é um entrelaçamento que ocorre de maneira extremamente diversa.

Convém sublinhar, nesta discussão, o conceito de Rizoma, no intuito de tornar mais compreensíveis explicações feitas nos parágrafos anteriores. Deleuze e Guattari formularam esse conceito a partir da biologia, ou mais especificamente, da botânica. O rizoma é um caule de uma planta que cresce horizontalmente, podendo ser subterrâneo ou aéreo. Essa espécie de planta pode ramificar-se em qualquer ponto, virando um bulbo ou tubérculo, e ainda continuar o seu processo de ramificação. A diferença fundamental, em comparação com a maioria das outras plantas, é que o rizoma não tem raiz, ou seja, ele não nasceu em um ponto único, mas sim, em vários. Tais autores, ao

trazer esse pensamento para a filosofia, afirmam que:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tabula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...). (DELEUZE & GUATTARI, 1996a, p. 36)

Pensar a subjetividade, a partir do conceito de rizoma originado por esses autores, nos parece mais interessante e, ao mesmo tempo, estimulante. O rizoma funciona entre as coisas, em movimentos transversais, em extensões superficiais que ramificam em vários sentidos. Nele existem apenas linhas que se conectam em múltiplos pontos, podendo ser quebrado em qualquer ponto, bem como ser retomado em outro ponto. Essas linhas, que o formam, não param de remeter umas às outras, fazendo assim, inúmeras atribuições que constituem e reconstituem os sujeitos e as coisas. O rizoma seria as relações da vida junto as suas multiplicidades.

Ao analisar essas multiplicidades, as heterogeneidades e a formação de um rizoma como função de segmentaridade, notamos que tudo isso tende a funcionar como "motor" do modelo financeiro predominante em nossa sociedade: o capitalismo. A ciência e a tecnologia, agora fundamentais na manutenção de vários dispositivos que regulam as diversas comunidades existentes, são também formadoras de subjetividades. Para Guattari (1992) as inúmeras máquinas tecnológicas, de informação e comunicação, operam e modelam nossas subjetividades. Ou melhor; a heterogeneidade desses componentes, cada vez maior, produz sim subjetividades.

O gigantesco, e não sendo exagero dizer, o infinito universo de opções e particularidades vai formando, constituindo nossa época. As subjetividades tendem a ser atravessadas por esses universos. Rolnik (1997) assinala sobre essa complexidade e nos diz que esse modelo financeiro atual, intensifica as misturas e, ao mesmo tempo, elimina identidades não mais necessárias. Tal situação produz também "kits" de perfis-padrões de acordo com as necessidades do mercado. Diante disto, as subjetividades estão cada vez mais flexíveis e mudam na mesma velocidade das exigências mercadológicas.

Esse movimento de flexibilidade, relativo às subjetividades, com certeza acena para uma eterna novidade: novos saberes, novos produtos, novas tecnologias, novos modos de ser e agir. Muitas vezes, essas aberturas para o novo nos desestabiliza e nos obriga a dar uma resposta rápida para a angústia do encontro com o inusitado. As subjetividades, em nosso tempo, estão sendo cada vez mais forçadas a darem energia e produtividade às novas tensões que vão se constituindo.

Tal flexibilidade e tal maleabilidade assumem suas tensões, e são sim constituidoras de nossa contemporaneidade. Essa atual dependência recíproca dos diversos eventos faz todo o entrelaçamento de acontecimentos fluírem em diversas velocidades. É cada vez mais importante que funcione assim, pois, o capitalismo, modelo econômico vigente, precisa dessa administração calculada, local, que estabilize e desestabilize ao mesmo tempo, que joguem as subjetividades em ziguezagues constantes, provocando afetos da maior diversidade de intensidades.

Nosso campo social não para de ser movimentado, instigado por esses movimentos maleáveis, por movimentos de estabilização e desestabilização, todos em velocidades diferentes e particulares. Para Deleuze e Guattari (1996) a política, de maneira geral, opera por decisões em larga escala e escolhas binárias, já suas decisões caem em determinações de pequena escala, e opções cada vez mais segmentarizadas, ou seja, boa ou má, certa ou errada, a política e seus acontecimentos se darão dessa forma, em decisões cada vez mais específicas e locais.

Para que essas decisões, extremamente particulares, sejam acertadas, ou então, eficazes, é preciso uma subjetividade "organizada" para tais movimentos desestabilizantes. A princípio pode-se parecer até paradoxal, mas, percebe-se então que a lógica do mercado, não quer outra coisa senão subjetividades preparadas para o consumo. A relação entre mídia e tecnologia chega a ser importante nesse aspecto, pois, produzem discursos, comportamentos e modos de subjetivação úteis ao mercado. Todo esse aparato rizomático que se dá nessas produções de subjetividades é extremamente lucrativo, até porque o mercado está em constante abertura e flexibilidade em relação às novas exigências, sejam elas de qualquer lugar, que se produzem em nosso contexto. Ao pensar a subjetividade nas condições do

capitalismo, à associação ao consumo em massa e à produção de inúmeros modelos de comportamento e pensamento González Rey diz que:

A subjetividade capitalística se caracteriza pela supressão dos processos de singularização, o que tem sido geral nos estados capitalistas e socialistas, só que estes processos tomam formas diferentes. No capitalismo, por sua tecnologia mais sofisticada, e a abertura de mecanismos de competição e de consumo que implicam o sujeito de uma forma obsessiva e perversa, este se sente, no extremo de sua alienação, como um triunfador, que se volta cada vez mais competitivo. Isolando-se de uma produção autêntica de afeto nas relações com os outros. Uma vez nesta posição, o sujeito passa a ser controlado pelos mecanismos impessoais de valorização social, que regem o imaginário social consumista, e começa a produzir suas ações dentro do estreito e asfixiante circuito “ganho-consumo”, pelo qual se exerce um controle social completo sobre ele. (REY, 2003, p.114)

A heterogeneidade como esses movimentos acontecem, com toda essa vastidão midiática, ganha impulso total. A ideia do corpo perfeito, do amor desejável, dos relacionamentos que se completam, do carro veloz e bonito, da alimentação perfeita, do jeito de como as pessoas devem se vestir, falar e até mesmo ser, são divulgados a todo vapor, e na mesma hora, assimilados e codificados em uma rapidez invejável à velocidade da luz. Não percebemos ao certo, visto que, esses acontecimentos se dão de forma muito eficaz. Em um piscar de olhos, estamos configurados em novos universos existenciais, subjetivos. O que era valorizado, em poucos dias, dependendo dos valores dominantes, passa a ser depreciado, descartado e desnecessário.

Em face a mudança rápida de acontecimentos, a eterna novidade em que vivemos, nos permite dizer que lidamos sim com subjetividades voláteis, frágeis, susceptíveis a qualquer movimento externo ou interno, a balanços sociais dos mais diversos, a qualquer coisa que aconteça. Nenhum fato passa despercebido, pois, quase tudo é capturado pela lógica mercadológica e imediatamente passa a ser seu combustível. Autores como Deleuze, Guattari, Lyotard, já falavam dessa nossa situação atual, onde tudo parece ser capturado, para que se possa fazer um uso adequado e eficiente ao seu

respeito. Ora, se funcionamos nessa lógica (ou, falta dela) de que tudo é rentável, então é preciso que nossa vida funcione de forma que todo o aparato que nos cerca, seja ele material, orgânico, social, psicológico, seja constitutivo de nossas próprias vidas, assim como, nós mesmos os fazemos funcionar da maneira que são.

A Tecnociência assume esse papel no nosso cotidiano, porque ela é detentora de inúmeros dispositivos, saberes, técnicas. O conjunto dessa aparelhagem tornou-se fundamental para a compreensão do mundo, ao mesmo tempo em que ela própria fabrica esse mundo. O entrelaçamento dessas condições produzem subjetividades, bem como, as subjetividades produzem tecnociência.

Ao falar do processo de produção de subjetividade pela tecnociência e vice e versa, temos todo este delineamento que perpassa pelo plano de imanência. Tal plano imaginado por Deleuze e Guattari, no último livro em que escrevem em conjunto, é uma ideia de que existem muitos movimentos infinitos presos um aos outros, dependentes um dos outros, e que assim, constituem uma considerável teia de acontecimentos. Sem hierarquia, sem limites, apenas movimentos variados, contínuos e constituintes.

Não é propriamente um conceito fixo e de fácil definição, pois, para os autores:

O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento... Não é um método, pois todo método concerne eventualmente aos conceitos e supõe uma tal imagem. Não é nem mesmo um estado de conhecimento sobre o cérebro e seu funcionamento, já que o pensamento não é aqui remetido ao lento cérebro como ao estado de coisas cientificamente determinável em que ele se limita a efetuar-se, quaisquer que sejam seu uso e sua orientação. Não é nem mesmo a opinião que se faz do pensamento, de suas formas, de seus fins e seus meios a tal ou tal momento. (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.53)

Eles chegam a afirmar, sendo mais precisos nesta fundamentação, que:

...o plano de imanência é pré-filosófico, e já não opera com conceitos, ele implica uma espécie de experimentação tateante, e seu traçado recorre a meios pouco confessáveis, pouco racionais e razoáveis. São meios da ordem do sonho, dos processos patológicos, das experiências esotéricas, da embriaguez ou do excesso. Corremos em direção ao horizonte, sobre o plano de imanência; retornamos dele com olhos vermelhos, mesmo se são os olhos do espírito. (idem, p.58-59)

Mencionemos então, o plano de imanência, pois sua imagem-experimentação nos parece ser compatível às diferentes produções que se passam na atualidade, desde aparelhos tecnológicos simples até a própria produção de subjetividades. Este plano, provavelmente nos mostra as várias ligações, as velocidades dos processos e a composição de dispositivos que guiam e fazem a vida, sempre produtiva ser como ela é.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Sabemos o quanto é difícil e, neste caso, quase impossível chegar a conclusão de determinado assunto cheio de detalhes e de concepções paradoxais, sobretudo quando se trata de temas que, no decorrer do tempo, parecem se transformar bruscamente e mudarem de estatuto na mesma rapidez em que surgiram. Por isso não faremos aqui uma conclusão, mas antes, apontamentos sobre o momento em que o desfecho deste ensaio teórico é estimado como necessário.

O artigo aqui escrito se propôs, assim como colocou em evidencia, o plano de imanência que se dá entre tecnologia, ciência e subjetividade. Plano esse que nos sugere uma variada rede de possibilidades que se dão em nossa contemporaneidade, bem como, toda as possíveis produções específicas, cada vez mais singulares e passíveis de mudança em qualquer ocasião.

Sugerimos então o plano de imanência, pois, sua idéia nos parece ser compatível às diversas produções que acontecem em nossos tempos, desde aparatos tecnológicos simples até a própria produção de subjetividades. Este plano, talvez nos aponte as inúmeras ligações, as velocidades dos processos e a constituição de dispositivos que norteiam e fazem a existência ser como ela é, sempre positiva.

Ao trabalhar com esses autores, que de fato, apresentam uma visão muito singular e atual, percebemos a pluralidade de idéias, pensamentos, conceitos que nos apontam para a multiplicidade de acontecimentos na qual vivemos. Tanto o fortalecimento da tecnociência, sugerido por Lyotard quanto as produções de subjetividades defendidas principalmente por Guattari, nos fazem pensar no entrelaçamento e na positividade em que tudo isto se faz.

Positividade no sentido de que haverá sempre produção e estratos nessas relações.

Não é exagero dizer que vivemos em uma época essencialmente mercadológica, em que todas as questões monetárias se tornaram extremamente importantes na política, nas relações de poder, nas relações Estados-Nações e na divisão societária. Podemos citar como exemplo, a fabricação de artesanatos rudimentares, feitos em algum ponto turístico no interior da África, e até mesmo, a fabricação de foguetes da NASA. Nos dois casos, eles passam de uma forma ou de outra, apesar de suas enormes diferenças, pela ação monetária.

O legado teórico produzido por Lyotard, mais especificamente, a partir do final da década de 1970, já alertava sobre esses acontecimentos variados, chamando a atenção para os discursos tecnocientíficos que tem sua força em encadeamentos de valores coercitivos e esquemas sociais que legitimam a vontade de domínio e de apropriação. Há então, nestes discursos, uma relação com as subjetividades em formato de próteses de vontades, desejos e identidades que se delineiam em caráter plural. A partir disso, talvez seja engano sugerir que exista, única e exclusivamente, por trás destes discursos tecnocientíficos apenas uma “vontade humana”, visto que, estes discursos são produzidos a partir de relações diversas, e não por vontade própria de determinadas pessoas ou grupos.

Nesta questão que Lyotard (1988) parece ponderar suas argumentações, na medida em que nem se mostra pessimista, nem muito otimista em relação a esses processos, pois ele acredita, apesar do visível niilismo² de nossa época, que o ser humano pode sim, a partir do discurso tecnocientífico, do discurso mercadológico, da vida em geral, torna-se um transformador, um ativista (no sentido de atividade), um resistente às imposições sempre presentes nestes discursos de várias interpretações, um atribuidor de importância ao desejo e ao ser desejante.

² Niilismo a partir da visão do filósofo Nietzsche, que chegou a afirmar que a sociedade, caso não explorasse e afirmasse a vida como ela é, poderia cair em um vazio obscuro e ser dominada por forças pouco confiáveis. Na visão de Deleuze a respeito deste assunto, ele chegou a ser mais enfático ao retratar o niilismo contemporâneo praticamente como um “nada de vontade”, ou seja, quase uma desistência de viver.

Nesta mesma direção, Guattari(1992) indica que as transformações tecnológicas podem nos obrigar a considerar uma tendência homogeneizante e reducionista da subjetividade, pois tudo passa pela rede de informática, que codifica e decodifica qualquer coisa existente, reduzindo a meros códigos informacionais. Entretanto, o trabalho com essas mesmas máquinas tecnológicas, nos conduz a produção de universos plásticos e de novos universos existenciais. É preciso então, não cair em ilusões evolucionistas ou pessimistas, até porque, toda essa produção de discurso, de subjetividade e etc. pode desencadear efeitos tanto para o mau como para o bom uso, isso dependerá de diversas articulações e de vários enunciados e agenciamentos.

Apesar do constante discurso totalitário, discurso este proferido pela tecnociência de que a vida pode ser qualificada, numerada, significada, mostrada e desnudada, percebemos a partir dos autores mencionados, que existe espaço para a invenção de novas possibilidades. Ora, basta assistir a um filme novo, ouvir uma música, ou até mesmo, olhar pessoas caminharem na rua, por exemplo, para notar que, apesar de possíveis semelhanças no que diz respeito à maneira de ser e de estar no mundo, há algo que sempre quebra a regra e sempre consegue escapar de uma significação imediata, pois, existe sempre algo de novo nas subjetividades. Para Lyotard, perdemos um referencial principal no que diz respeito à significação do mundo (Deus, família, ciência, moral), visto que antes tínhamos caminhos prontos, hoje, com o enfraquecimento deste referencial, e o aparecimento de inúmeros outros (mídia, informática, pequenos grupos sociais, celebridades, entre tantos), nos vemos forçados, de fato, a (re)criarmos o nosso próprio referencial. Pensar na contemporaneidade a diferença e a singularidade dos acontecimentos, passa a ser um desafio exemplar e urgente.

As experiências vividas nesses complexos, nesses procedimentos de subjetividades, nos proporcionam e nos oferecem uma oportunidade ímpar de singularização. Dependendo da forma de como elas são experimentadas, do aproveitamento de espaços e da exploração de acontecimentos locais, é possível sim ser um artista da própria vida, modelando, pintando e fazendo-a acontecer.

Abstract

This essay aims to try to show, summarily and briefly, the possible plan of immanence that exists between technology, science and subjectivity. We aspire to work on these three concepts so that they are not separated or treated as isolated and independent, in other words, we mean multiplicities that occur between them, their entanglements, the same way as its workings and peculiarities in our present time.

KEYWORDS: Technology, Science, Subjectivity

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DELEUZE, Gilles; & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996a. (v.1).

_____ **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1996b. (v.3).

_____ **O que é a filosofia?** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

NIEZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REY, Fernando González. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson; 2003.

ROLNIK, Suely. Viciados em Identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel. (Org.). **Cultura e Subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papirus, 1997, p. 19-24.

